

“Sem cobre e prata nada de especiarias”: notas sobre a importação de metais alemães em Portugal no início do século XVI

Jürgen Pohle¹

Resumo

Nas primeiras duas décadas do século XVI, o comércio luso-alemão intensificou-se consideravelmente. Atraídas pelas especiarias e outras riquezas orientais, poderosas casas comerciais de Augsburg e de Nuremberga, estabeleceram-se em Lisboa. Estas empresas alemãs tinham uma relevância especial para a Coroa portuguesa dado ocuparem na Europa um papel dominante como fornecedores de prata e de cobre, dois metais imprescindíveis para se efectuarem as trocas comerciais no Espaço Índico. Deste modo, tornaram-se, temporariamente, os parceiros comerciais mais importantes de D. Manuel I que lhes concedeu os privilégios mais vantajosos, outorgados a mercadores estrangeiros em Portugal no século XVI.

Palavras-chave

História Económica; Comércio ultramarino; Relações luso-alemãs; Casas comerciais da Alta Alemanha; *Privilégio dos Alemães*.

¹ CHAM – Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0034.

Abstract

In the first two decades of the 16th century, the Portuguese-German trade intensified considerably. Powerful trade houses of Augsburg and Nuremberg, attracted by spices and other oriental riches, settled in Lisbon. These German companies had a special relevance for the Portuguese Crown because they occupied a dominant role in Europe as suppliers of silver and copper, two essential metals for trade in the Indian Ocean. In this way, they became, temporarily, the most important trading partners of King Manuel, who conceded them the most advantageous privileges granted to foreign merchants in Portugal in the 16th century.

Keywords

Economic history; Overseas trade; German-Portuguese relationships; Upper German trade houses; *Privilege of the Germans*.

Nos anos 60 do século passado, a historiadora alemã Hedwig Kömmerling-Fitzler constatou num artigo sobre o mercador alemão Jörg Pock e a sua viagem à Índia em 1520 que os grandes mercadores e empresas de Augsburg e de Nuremberga estiveram quase todos envolvidos na indústria mineira, dominando o comércio de cobre e prata europeu². Grandes quantidades destes dois metais foram transferidas, a partir do início do século XVI, para Portugal e daí para o espaço ultramarino. De facto, cobre e prata eram indispensáveis para efectuar as trocas comerciais, sobretudo na Índia. Ou seja, o comércio asiático da Coroa portuguesa não se podia desenvolver sem estes metais. Assim, a historiadora alemã concluiu de uma forma concisa e expressiva: “Ohne Kupfer und Silber keine Gewürze!”³, ou seja: “Sem cobre e prata nada de especiarias!”.

Meio século depois, o historiador Mark Häberlein chegou no seu estudo *Aufbruch ins globale Zeitalter* exactamente à mesma conclusão⁴. Este sublinha que a Expansão Portuguesa no Oceano Índico com as suas características económicas

² Hedwig KÖMMERLING-FITZLER, “Der Nürnberger Kaufmann Georg Pock († 1528/29) in Portugiesisch-Indien und im Edelsteinland Vijayanagara”, *Mitteilungen des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg*, Vol. 55 (1967/68), pp. 137-184.

³ *Idem, ibidem*, 139.

⁴ Mark HÄBERLEIN, *Aufbruch ins globale Zeitalter. Die Handelswelt der Fugger und Welser*, Darmstadt, Theiss, 2016.

não teria sido possível sem o cobre e a prata dos Fugger. Fala *expressis verbis* de uma “simbiose” entre o comércio ultramarino português e o comércio de prata e de cobre das companhias do Sul da Alemanha⁵.

A importância dos metais que os mercadores-banqueiros-industriais alemães forneceram a Portugal foi também várias vezes destacada na historiografia de língua portuguesa. Vitorino Magalhães Godinho⁶ e Manuel Nunes Dias⁷ sublinham “o enorme papel representado por aqueles metais alemães”⁸ na rota do Cabo.

Foi sobretudo no reinado de D. Manuel I, que Portugal procurou adquirir grandes quantidades de prata e cobre para garantir a continuidade das trocas comerciais no além-mar. O governo português caiu, no entanto, segundo A. A. Marques de Almeida, numa dupla dependência:

“A estratégia negocial da Coroa portuguesa foi condicionada pelo papel da Feitoria de Antuérpia e cerceada pela posição que os mercadores alemães ocupavam no comércio internacional dos metais e na mineração da prata e do cobre. D. Manuel foi sempre prisioneiro desta realidade inexorável e, sem fundos financeiros próprios, procurou garantir os metais contra as especiarias. Este jogo é importante na avaliação do papel dos mercadores alemães em Lisboa.”⁹

Para uma melhor contextualização acerca do papel das casas comerciais alemãs em Portugal retrocederemos ao ano de 1503¹⁰. Neste ano iniciou-se o

⁵ *Idem, ibidem*, 72.

⁶ Vitorino Magalhães GODINHO, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2.ª ed., 4 Vols., Lisboa, 1982-1985.

⁷ Manuel Nunes DIAS, *O Capitalismo Monárquico Português (1415-1549). Contribuição para o estudo das origens do capitalismo moderno*, 2 Vols., Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1963-1964.

⁸ *Idem*, “Dinâmica dos metais alemães na Rota do Cabo”, in *Congresso internacional ‘Bartolomeu Dias e a sua época’*. Actas, vol. 3, Porto, Universidade do Porto / CNCDP, 1989, p. 563.

⁹ A. A. Marques de ALMEIDA, *Capitais e Capitalistas no Comércio da Especiaria. O Eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um Estudo de Geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993, p. 55.

¹⁰ Sobre o estabelecimento das grandes casas comerciais da Alta Alemanha em Lisboa, vd. Jürgen POHLE, *Os mercadores-banqueiros alemães e a Expansão Portuguesa no reinado de D. Manuel I*, Lisboa, CHAM, 2017, pp. 115-172 [Consultado em 20/06/2018. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/38843/2/MercadoresAlemaes.pdf>]; *idem*, “Rivalidade e cooperação: algumas notas sobre as casas comerciais alemãs em Lisboa no início de Quinhentos”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2.ª série, N.º 3 (2015), pp. 19-38 [Consultado em 24/09/2016. Disponível em http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/3/03_alema.pdf]; *idem*, *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag, 2000, pp. 97-134; Walter GROSSHAUPT, “Commercial Relations between Portugal and the Merchants of Augsburg and Nuremberg”, in Jean Aubin (ed.), *La découverte, le Portugal, et l'Europe: actes du colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 359-397.

estabelecimento de diversas firmas da Alta Alemanha em terras lusas. Com a chegada a Portugal das especiarias do Espaço Índico, algumas casas comerciais de Augsburgo e de Nuremberga apressaram-se a enviar representantes para Lisboa. Os primeiros a entrar em contacto com a Coroa portuguesa foram os Welser, ou melhor, a companhia dos Welser-Vöhlín. Esta empresa alcançou, em Fevereiro de 1503, privilégios muito vantajosos que abriram caminho a uma participação directa da alta finança alemã no comércio ultramarino português. No âmbito da sua política de expansão D. Manuel I desde logo percebeu que os mercadores-banqueiros da Alta Alemanha poderiam desempenhar um papel fundamental como investidores e fornecedores daqueles metais que Portugal mais necessitava para garantir as trocas comerciais no ultramar. Consequentemente, alargou ainda os direitos dos mercadores alemães nos anos seguintes. O denominado *Privilégio dos Alemães*, que contemplava os privilégios que lhes haviam sido outorgados por D. Manuel I, entre 1503 e 1511, evidencia o estatuto excepcional que as empresas alemãs possuíam em terras lusas. Estas tornaram-se, temporariamente, os parceiros comerciais mais relevantes de Portugal. Segundo Virgínia Rau¹¹ e Maria Valentina Cotta do Amaral¹², o *Privilégio dos Alemães* superou os direitos e liberdades concedidos a outras nações mercantis estabelecidas em terras portuguesas, tornando-se o mais cobiçado em Portugal no século XVI.

“Sem dúvida, estes [privilégios (NdA)] são os mais importantes a serem concedidos nos séculos XV e XVI por reis portugueses, a mercadores estrangeiros.”¹³

“(...) São os únicos privilégios que conhecemos que se referem directamente ao comércio da especiaria em geral e ao da pimenta, em especial. Mas o grande privilégio dos alemães, aquele que despertava o interesse dos outros mercadores, era o de poderem ir comerciar *in loco*, na Índia. Além disso, a sua situação no Reino era altamente beneficiada, mandando o Rei, entre outras coisas, que se lhes fosse dada pousada, cama e mantimentos por seus dinheiros, tanto na Corte como em todos os lugares para onde fossem. Eram ainda favorecidos com os privilégios, liberdades e isenções dos naturais do Reino.”¹⁴

¹¹ Virgínia RAU, “Privilégios e legislação portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (séculos XV e XVI)”, in Hermann Kellenbenz (ed.), *Fremde Kaufleute auf der Iberischen Halbinsel*, Köln/Wien, Böhlau, 1970, pp. 15-30.

¹² Maria Valentina Cotta do AMARAL, *Privilégios de mercadores estrangeiros no reinado de D. João III*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965.

¹³ *Idem, ibidem*, 22.

¹⁴ *Idem, ibidem*, 31.

D. Manuel I permitiu “aos nobres mercadores que possam Liurementemente negociar e traotar, Vender e comprar por todos os nossos Reynos e senhorios por suas pessoas ou por seus feitores e seruidores”¹⁵. Os privilegiados podiam, portanto, fazer negócios em Portugal d’aquém e d’além-mar. Encontravam-se isentos de pagar tributos e impostos pela prata que trariam. Em relação a outros produtos importados, como cobre e latão, pagavam apenas a dízima. Além disso, foram dispensados de “colacoenz ou pagamentos de peitas ou pedidos, que pellos Reynos ou Prouincias se costumão muitas pedir e por”¹⁶. Tinham o direito de assentar casa dentro e fora dos muros de Lisboa para armazenar mercadorias. Estas mercadorias deveriam ser preferencialmente despachadas nas alfândegas e na Casa da Moeda pelos funcionários reais. Os privilegiados dispuseram, ainda, de um juiz próprio para os seus assuntos e de um notário. Os seus representantes podiam andar armados dia e noite, desde que os seus “seruidores nã será espanhoes pera gozarem da dita liberdade”¹⁷. O *Privilégio dos Alemães* valia para todas as companhias e mercadores alemães que estivessem dispostos a investir em Portugal um mínimo de 10.000 cruzados¹⁸.

Em Agosto de 1504, Lucas Rem¹⁹, o primeiro feitor dos Welser em Lisboa, concluiu um contrato com a Coroa portuguesa que permitiu às casas comerciais dos Welser, Fugger, Höchstetter e Gossembrot de Augsburg, bem como dos Imhoff e Hirschvogel de Nuremberga, investir directamente na armada que partiria, no ano seguinte, para a Índia²⁰. Estas firmas formaram, com alguns mercadores italianos, um consórcio que financiou três navios da armada de D. Francisco de Almeida. Para a armação dos três navios era necessário um capital de 65.400

¹⁵ BA, 44-XIII-54, n.º 20j, p. 357.

¹⁶ *Idem, ibidem*, 362.

¹⁷ ANTT, *Chanc. de D. Manuel*, liv. 36, fl. 41 *apud* Jean DENUCÉ, “Privilèges commerciaux accordés par les rois de Portugal aux Flamands et aux Allemands (XVe et XVIe siècles). Document”, *Archivo Historico Portuguez*, Vol. 7 (1909), p. 386.

¹⁸ Aqueles mercadores que investiram na construção naval em Portugal deviam receber privilégios alargados. No que respeita à compra dos produtos ultramarinos por parte dos alemães, os Welser deveriam pagar inicialmente um tributo não superior a 5%, enquanto os restantes mercadores tinham de pagar 10% de sisa.

¹⁹ J. POHLE, “Lucas Rem e Sebald Kneussel: due agenti commerciali tedeschi a Lisbona all’inizio del secolo XVI e le loro testimonianze”, *Storia Economica*, Vol. XVIII, N.º 2 (2015), pp. 315-329.

²⁰ Benedikt GREIFF (ed.), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541. Ein Beitrag zur Handelsgeschichte der Stadt Augsburg*, Augsburg, Hartmann’sche Bruchdruckerei, 1861, p. 8. Sobre a participação alemã na expedição portuguesa à Índia nos anos de 1505/06, vd. Franz HÜMMERICH, *Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien 1505/6*, München, Verlag der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1918; Konrad HÄBLER, *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig, Hirschfeld, 1903; Heinrich LUTZ, *Conrad Peutinger. Beiträge zu einer politischen Biographie*, Augsburg, Die Brigg, 1958, pp. 54-64; Rolf WALTER, “Nürnberg, Augsburg und Lateinamerika im 16. Jahrhundert – Die Begegnung zweier Welten”, in Stephan Füssel (ed.), *Pirckheimer-Jahrbuch 1986*, Vol. 2, München, Wilhelm Fink, 1987, pp. 47-51; António Alberto Banha de ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, vol. 1, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, pp. 475-488.

cruzados, sendo que 75% da soma tinha de ser paga em dinheiro e 25% em metais preciosos²¹.

A prata

No mesmo Verão de 1504, algumas empresas alemãs tencionaram transferir prata para Portugal. Surgiram inicialmente problemas por causa de uma lei que proibia a exportação deste metal dos Países Baixos. No Inverno de 1504/05, os Welser solicitaram ao regente do país, o arquiduque Filipe o Belo, uma licença especial para poderem transportar prata pelos Países Baixos²². Argumentaram que a prata servia para comprar em Lisboa especiarias e outras mercadorias que posteriormente eram transferidas para os portos neerlandeses trazendo, assim, vantagens económicas para as terras e cidades do arquiduque. Para conseguir o seu objectivo, a companhia dirigiu-se também ao imperador Maximiliano I, pai de Felipe o Belo. Os Welser argumentaram que todo o comércio de prata no Sacro Império Romano-Germânico ia sofrer consequências negativas se não fosse permitida a livre passagem deste metal pelos Países Baixos, sendo que o prejuízo para o próprio imperador não seria de pouca monta. Maximiliano I deveria, assim, convencer o seu filho, pois também os danos económicos nos Países Baixos seriam enormes, uma vez que o comércio de prata desviar-se-ia, certamente, para Génova ou para os portos franceses e espanhóis²³.

A argumentação dos Welser deve ter convencido os dois monarcas²⁴, pois nos anos seguintes, deparamo-nos com barcos carregados de prata no caminho dos Países Baixos para Portugal²⁵.

No que se refere às quantidades de prata que a Coroa portuguesa adquiriu, os historiadores Philipp Robinson Rössner²⁶ e Ekkehard Westermann²⁷ partem do

²¹ Relativamente às participações alemãs nas viagens dos Portugueses à Ásia no primeiro quartel do século XVI, vd. Marion EHRHARDT, *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto, 1989, pp. 25-101; Hermann KELLENBENZ, "The Portuguese Discoveries and the Italian and German Initiatives in the Indian Trade in the first two Decades on the 16th Century", in *Congresso internacional 'Bartolomeu Dias e a sua época'*, Actas, vol. 3, Porto, Universidade do Porto/ CNCDP, 1989, pp. 609-623; POHLE (2000), 189-218; *idem* (2017), 82-114.

²² STAATS- UND STADTBIBLIOTHEK AUGSBURG, 2º Cod. Aug. 382ª, Dok. VIII. Veja-se "Briefe und Berichte über die frühesten Reisen nach Amerika und Ostindien aus den Jahren 1497 bis 1506 aus Dr. Conrad Peutingers Nachlass", in GREIFF (1861), 165-166.

²³ "Briefe und Berichte über die frühesten Reisen nach Amerika und Ostindien aus den Jahren 1497 bis 1506 aus Dr. Conrad Peutingers Nachlass", in GREIFF (1861), 163-165.

²⁴ LUTZ (1958), 57.

²⁵ STAATS- UND STADTBIBLIOTHEK AUGSBURG, 2º Cod. Aug. 390, Fol. 469v.-472.

²⁶ Philipp Robinson RÖSSNER, *Deflation – Devaluation – Rebellion. Geld im Zeitalter der Reformation*, Stuttgart, Steiner, 2012, p. 263.

²⁷ Ekkehard WESTERMANN, "Oberdeutsche Metallhändler in Lissabon und in Antwerpen zwischen

princípio que, nas primeiras duas décadas do século XVI, mais do que dois terços de toda a prata da Europa Central encontraram, via Lisboa, o caminho para o Espaço Índico. O escoamento dos metais pesou na economia alemã e causou fortes críticas dentro do Sacro Império. Na terceira década de *Quinhentos*, as grandes casas comerciais da Alta Alemanha foram, várias vezes, publicamente acusadas de “desvio e desperdício de bom dinheiro e moeda (...), o que muito prejudicava o bem comum”.²⁸ Esta queixa por parte do fiscal imperial encontrava-se no contexto de processos jurídicos contra as poderosas companhias alemãs acusadas de usura, resultante da criação de monopólios no que se referia à distribuição e venda de especiarias no Sacro Império. Chegaram notícias à Alemanha de que algumas grandes empresas adquiriam as especiarias ao rei de Portugal a qualquer preço para poderem, posteriormente, vendê-las a um preço excessivo.

Infelizmente, não é possível saber que quantidades exactas de prata eram fornecidas pelas respectivas casas comerciais alemãs à Coroa de Portugal no reinado de D. Manuel I²⁹. Apenas no que diz respeito aos anos de 1517, 1518 e 1521, existem registos da Casa da Moeda que iluminam este aspecto³⁰. Em 1517, os representantes dos Welser, Imhoff e Hirschvogel e alguns mercadores alemães, que possivelmente fizeram negócios em Portugal por conta própria, como Jörg Herwart, entregaram na Casa da Moeda no mínimo 9.400 marcos de prata. No ano seguinte foram aproximadamente 7.300 marcos. E em 1521, os mercadores alemães forneceram cerca de 1.600 marcos. É de notar, portanto, em finais do reinado do *Venturoso*, uma redução significativa tanto em relação ao número de fornecedores alemães, como no que se refere ao total das suas entregas de prata na Casa da Moeda. É uma altura em que algumas firmas alemãs se retiraram, temporária ou mesmo definitivamente, de Lisboa preferindo fazer negócios com a Coroa portuguesa em Antuérpia.

Na cidade do Escalda os Portugueses adquiriram quantidades consideráveis de prata. Philipp R. Rössner estima que, no primeiro quartel do século XVI mais do que 5 toneladas de prata foram transferidas anualmente, via Antuérpia,

1490 und 1520”, *Montánna história*, Vol. 4 (2011), pp. 8-21; *idem*, “Die versunkenen Schätze der „Bom Jesus“ von 1533. Die Bedeutung der Fracht des portugiesischen Indiensgellers für die internationale Handelsgeschichte – Würdigung und Kritik”, *Vierteljahresschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, Vol. 100 (2013), p. 471.

²⁸ Paul HECKER, “Ein Gutachten Conrad Peutingers in Sachen der Handelsgesellschaften. Ende 1522”, *Zeitschrift des Historischen Vereins für Schwaben und Neuburg*, Vol. 2 (1875), p. 197: “Wie die grossen gesellschaft gut gelt und münzt zu gemeins nutz grossem nachteil verführen und verschwenden”.

²⁹ DIAS (1963/64), II, 325; P. R. RÖSSNER, “Geld- und währungspolitische Probleme in Deutschland am Vorabend der „Preisrevolution“ (1470-1540). Quellenbefund und Forschungshypothesen”, in Angelika Westermann/ Stefanie von Welser (eds.), *Beschaffungs- und Absatzmärkte oberdeutscher Firmen im Zeitalter der Welser und Fugger*, Husum, 2011, pp. 289-293.

³⁰ *Apontamentos para a História da Moeda em Portugal*, Lisboa, Casa da Moeda e Papel Sellado, 1878, Mappa demonstrativo, n.º 7/1517, n.º 5/1518 e n.º 7/1521. Veja-se RÖSSNER (2012), 271-290.

para Portugal³¹. Em 1515, as companhias alemãs acumularam nos Países Baixos uma extraordinária quantia de prata, destinada à exportação para Portugal. Em finais de Maio desse ano, Lourenço Lopes, funcionário da feitoria real, escreveu a D. Manuel I: “Nestas naus para partir, foi muita prata a Lisboa, de Alemães e doutros mercadores, para comprarem pimenta, e foi tanta, que não se achavam seguradores para segurar tanta fazenda.”³²

Os mais importantes centros de produção de prata no território do Sacro Império eram, nessa altura, Schwaz no Tirol, Mansfeld na Turíngia e o *Erzgebirge* na Saxónia³³.

O cobre

Tão ou ainda mais importante do que a prata foi para a Coroa portuguesa a aquisição de cobre. No que toca à importação deste metal, Portugal tornou-se no século XVI, temporariamente, o maior cliente no mercado europeu³⁴. A maior parte do cobre era proveniente das minas que os Fugger exploravam na Hungria e que a Coroa importava através da Feitoria de Flandres. Já em 1503, chegaram a Antuérpia 41 navios vindos de Danzig, carregados com o cobre dos Fugger. A poderosa firma de Augsburg comercializou na cidade do Escalda, no período compreendido entre 1507 e 1526, cerca de metade do cobre das suas minas húngaras³⁵. Nesta fase, os lucros anuais da companhia superaram os 54%.

A correspondência trocada entre D. Manuel I e os funcionários reais da feitoria de Antuérpia revela que a aquisição de cobre teve a mais alta prioridade, embora se note também um aumento nas compras de prata e latão efectuadas pelos feitores portugueses³⁶. De acordo com a correspondência trocada entre D. Manuel I e os funcionários da feitoria de Antuérpia, sabemos que o rei necessitava geralmente de 4 a 8 mil quintais deste metal para equipar as armadas

³¹ P. R. RÖSSNER (2012), 305.

³² ANTT, CC, I-17-130 *apud* Anselmo Braamcamp FREIRE, *Notícias da Feitoria de Flandres*, Lisboa, Arquivo Histórico Português, 1920, p. 105.

³³ RÖSSNER (2012), 251.

³⁴ KELLENBENZ (1977), 337; E. WESTERMANN, “Über Wirkungen des europäischen Ausgriffs nach Übersee auf den europäischen Silber- und Kupfermarkt des 16. Jahrhunderts”, in Armin Reese (ed.), *Columbus: Tradition und Neuerung*, Idstein, Schulz-Kircher, 1992, pp. 52-61.

³⁵ M. HÄBERLEIN, *Die Fugger. Geschichte einer Augsburger Familie (1367-1650)*, Stuttgart, Kohlhammer, 2006, p. 55; Peter FELDBAUER, *Die Portugiesen in Asien 1498-1620*, Essen, Magnus, 2005, p. 155.

³⁶ A correspondência entre D. Manuel I e Silvestre Nunes, em 1515/16 (ANTT, CC, I-18-122; I-19-111), e as cartas que o *Venturoso* trocou com Tomé Lopes e Rui Fernandes de Almada no período compreendido entre 1515 e 1521 (Maria do Rosário Themudo BARATA, *Rui Fernandes de Almada: Diplomata português do século XVI*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 1971).

que enviava todos os anos à Ásia³⁷. Segundo Vitorino Magalhães Godinho, foram importados em Portugal, no reinado de D. Manuel I, anualmente, cerca de 10.000 quintais de cobre bruto ou lavrado por intermédio da Feitoria de Flandres³⁸. De acordo com este historiador, “um rio de cobre alemão corre assim de Bruges ou de Antuérpia para os portos portugueses”³⁹. Uma parte das importações alimentou a indústria portuguesa, mas a grande parte restante foi enviada para a África Ocidental e para a Índia.

As maiores reservas de cobre encontravam-se na Europa Central⁴⁰, no centro-leste do Império (Harz), na Boémia (Kutná Hora), nos Alpes (Schwaz) e na Hungria, onde se destacaram as célebres minas de Neusohl⁴¹. É de saber que cerca de 80% da produção europeia de cobre encontrava-se nas mãos dos mercadores-banqueiros-industriais alemães⁴². A maior parte provinha, como já referido, das minas exploradas pelos Fugger. Esta companhia concentrou-se, como nenhuma outra firma da Alta Alemanha, nos negócios mineiros, tornando-se, assim, o grande parceiro comercial de Portugal neste sector económico⁴³. Os documentos referentes às negociações conduzidas com a Coroa portuguesa, no reinado de D. Manuel I, não deixam dúvidas sobre o volume extraordinário das vendas de cobre. Em 1515, a Coroa pretendia comprar aos Fugger anualmente 5.000 quintais daquele metal. Este montante subiu para 6.000 quintais por volta de 1520. Nesta altura, o preço variava, geralmente, entre os 27 e 28 soldos o quintal com tendência crescente. Já em 1519, Jacob Fugger tinha declarado que poderia fornecer futuramente ainda mais cobre, desde que se acordasse um valor de 28 soldos o quintal.

O problema para a Coroa portuguesa era que Jacob Fugger havia perdido sucessivamente, a partir de meados da segunda década de *Quinhentos*, o interesse na pimenta. Queria ser pago em dinheiro e não em especiarias. Isso ficou bem claro nas negociações que os funcionários reais da feitoria de Antuérpia, Tomé Lopes e Rui Fernandes de Almada, tiveram em Augsburg nos anos de 1515 e 1519/1520, respectivamente⁴⁴. O último mencionado procurou também os Höchstetter e outras companhias alemãs para negociar contratos referentes ao cobre. Mas a única empresa que se encontrava em condições de fornecer, a longo

³⁷ H. KELLENBENZ, *Die Fugger in Spanien und Portugal bis 1560: ein Großunternehmen des 16. Jahrhunderts*, vol. 1, München, Vögel, 1990, pp. 54-55 e 60-61.

³⁸ GODINHO (1982-1985), II, 11.

³⁹ *Idem, ibidem*, 10.

⁴⁰ KELLENBENZ (1977), 292; E. WESTERMANN, *Silberrausch und Kanonendonner. Deutsches Silber und Kupfer an der Wiege der europäischen Weltherrschaft*, Lübeck, Schmidt-Römhild, 2001, pp. 32-36.

⁴¹ Banská Bystrica, uma cidade na actual Eslováquia.

⁴² WESTERMANN (2001), 35.

⁴³ HÄBERLEIN (2006), 57.

⁴⁴ *Supra*, nota 36.

prazo, as quantidades desejadas deste metal era a dos Fugger. D. Manuel I poderia adquirir cobre através de outras empresas alemãs, mas temia uma ruptura nas relações com os Fugger, que, no futuro, lhe pareciam dar mais garantias. Este foi o dilema dos “negócios alemães” do *Venturoso* nos finais do seu reinado. Enquanto Rui Fernandes de Almada recomendou que se concluíssem contratos com várias empresas alemãs, que até estavam dispostas a aceitar pimenta e outras especiarias em troca do cobre, D. Manuel I, por seu turno, insistiu na sua decisão de primeiramente aguardar, fechando por fim o negócio somente com a casa dos Fugger. Tal aconteceu nos primeiros meses de 1521. Em Abril desse ano, chegava aos Países Baixos a notícia de que o rei tinha acertado um contrato com os Fugger por intermédio do qual a Coroa iria adquirir cobre, nos próximos três anos, ao preço de 28 soldos o quintal.

Na costa do Malabar, os negócios com cobre revelaram-se altamente rentáveis para Portugal. A venda ou troca do cobre europeu deu um lucro mínimo de cinco cruzados o quintal. Tendo em consideração que os Portugueses importaram na Índia, nas primeiras duas décadas de *Quinhentos*, em média 5.000 a 6.000 quintais de cobre por ano, o lucro anual superava os 25.000 cruzados com tendência crescente⁴⁵.

Notas finais

A simbiose, segundo Mark Häberlein, entre o comércio ultramarino português e o comércio de prata e cobre das companhias alemãs, terminou por volta de 1540. O mesmo historiador invoca três razões que conduziram a este desfecho⁴⁶. A primeira deve-se ao facto de os Portugueses terem perdido, pouco a pouco, a sua hegemonia no comércio de especiarias, uma vez que os Venezianos recuperaram, a partir dos anos 30, uma posição de relevo neste ramo comercial. A segunda porque chegaram a Espanha, na mesma altura, cada vez mais navios carregados com a prata das Índias Ocidentais. A prata alemã ganhou, deste modo, um concorrente que pôs fim à sua posição dominante no mercado internacional. Sevilha tornou-se para a Coroa portuguesa um local interessante para adquirir prata. Finalmente, a terceira razão, porque houve, no segundo terço de *Quinhentos*, uma redução

⁴⁵ K. S. MATHEW, *Indo-Portuguese Trade*, New Delhi, Manohar, 1999, p. 166; Markus A. DENZEL, “Zur Finanzierung des europäischen Asienhandels in der Frühen Neuzeit: Vom Zahlungsausgleich im Gewürzhandel zum bargeldlosen Zahlungsverkehr”, in Markus A. Denzel (ed.), *Gewürze: Produktion, Handel und Konsum in der Frühen Neuzeit*, St. Katharinen, Scripta Mercaturae Verlag, 1999, p. 40.

⁴⁶ HÄBERLEIN (2016), 72-77.

significativa na produção mineira na Europa Central, onde se encontravam as minas exploradas pelas grandes companhias alemãs.

Terminou, deste modo, a fase mais intensa do comércio luso-alemão que, durante décadas, havia marcado a economia europeia influenciado, decisivamente, o mercado internacional de cobre e de prata, bem como a distribuição das especiarias portuguesas na Europa Central.

ANEXO

**Nomes de mercadores alemães que apareceram na Casa da Moeda
entre 1517 e 1524⁴⁷:**

Jorge Elberto = Jörg Herwart (mercador independente, representante de diversas casas comerciais alemãs)⁴⁸

João de las Casas = Hans Hauser (feitor dos Imhoff)⁴⁹

Miguel Encuria = Michael Imhoff (feitor dos Imhoff)⁵⁰

Jorge Encuria = Jörg Imhoff (mercador independente?)⁵¹

Gabriel, alemão = Gabriel Steudlin (feitor dos Welser-Vöhlín)⁵²

Leão (Ravenspuger), alemão = Leo Ravensburger (empregado dos Welser-Vöhlín)⁵³

Jouchin, mercador allemão ou *Jochim, allemão* = Joachim Prunner (feitor dos Hirschvogel)⁵⁴

Frederico, alemão = Friedrich Löner (feitor dos Hirschvogel)⁵⁵

Rodrigo Ynha = Ulrich Ehinger (feitor dos Rem)⁵⁶

Guido, (mercador) allemão = Veit Hörl (feitor dos Herwart)⁵⁷

João Bahur ou *João, alemão* = Hans Paur (empregado dos Rem)⁵⁸

Christovão Spavel ou *Christovão, alemão* = Christoph Spaigel (empregado dos Hirschvogel)⁵⁹

Jerónimo Stuler ou *Jerónimo, alemão* = Hieronymus Sailer (?) (mercador independente?)⁶⁰

Pollo, alemão = Jörg Pock (?) (feitor dos Hirschvogel)⁶¹

Jorge Embertin = Jörg Herwart (?)⁶²

Fradique, alemão = Friedrich Löner (?)⁶³

Arnão, allemão = ?

Diogo da Ana, alemão = ?

⁴⁷ *Apontamentos* (1878), Mappa demonstrativo, n.º 7/1517, n.º 5/1518, n.º 7/1521, n.º 4/1523, n.º 6/1524.

⁴⁸ Sobre Jörg Herwart, vd. POHLE (2017), 147, 155-159, 167, 179-180, 186-187, 222-223, 251-255.

⁴⁹ *Idem, ibidem*, 126-127, 163.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, 124-126, 147.

⁵¹ *Idem, ibidem*, 126, 185, 251.

⁵² *Idem, ibidem*, 140-142, 167-168.

⁵³ *Idem, ibidem*, 136-141.

⁵⁴ *Idem, ibidem*, 130, 251-252.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, 131-132.

⁵⁶ *Idem, ibidem*, 75 (nota 61), 124 (nota 48), 150, 152 (nota 219), 156, 166-167, 178 (nota 18), 255.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, 159, 255.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, 156, 251-253.

⁵⁹ *Idem, ibidem*, 132.

⁶⁰ *Idem, ibidem*, 185 (nota 48).

⁶¹ *Idem, ibidem*, 110-114, 130-132 e *passim*.

⁶² Cf. *supra*, nota 48.

⁶³ Cf. *supra*, nota 55.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

- *Corpo Cronológico (CC)*, I-17-130.
- CC, I-18-122.
- CC, I-19-111.
- *Chanc. de D. Manuel*, liv. 36.

Biblioteca da Ajuda (BA)

- Cód. 44-XIII-54, n.º 20.

Staats- und Stadtbibliothek Augsburg

- 2º Cod. Aug. 382^a.
- 2º Cod. Aug. 390.

Fontes Impressas

Apontamentos para a História da Moeda em Portugal, Lisboa, Casa da Moeda e Papel Sellado, 1878.

“Briefe und Berichte über die frühesten Reisen nach Amerika und Ostindien aus den Jahren 1497 bis 1506 aus Dr. Conrad Peutingers Nachlass”, in B. Greiff (ed.), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541. Ein Beitrag zur Handelsgeschichte der Stadt Augsburg*, Augsburg, Hartmann’sche Bruchdruckerei, 1861, pp. 112-172.

DENUCE, Jean, “Privilèges commerciaux accordés par les rois de Portugal aux Flamands et aux Allemands (XVe et XVIe siècles). Document”, *Archivo Historico Portuguez*, vol. 7 (1909), pp. 310-319 e 377-392.

GREIFF, Benedikt (ed.), *Tagebuch des Lucas Rem aus den Jahren 1494-1541. Ein Beitrag zur Handelsgeschichte der Stadt Augsburg*, Augsburg, Hartmann’sche Bruchdruckerei, 1861.

HECKER, Paul, “Ein Gutachten Conrad Peutingers in Sachen der Handelsgesellschaften. Ende 1522”, *Zeitschrift des Historischen Vereins für Schwaben und Neuburg*, vol. 2 (1875), pp. 188-216.

Estudos

- ALMEIDA, A. A. Marques de, *Capitais e Capitalistas no Comércio da Especiaria. O Eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um Estudo de Geofinança*, Lisboa, Edições Cosmos, 1993.
- AMARAL, Maria Valentina Cotta do, *Privilégios de mercadores estrangeiros no reinado de D. João III*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965.
- ANDRADE, António Alberto Banha de, *Mundos Novos do Mundo. Panorama da difusão, pela Europa, de notícias dos Descobrimentos Geográficos Portugueses*, 2 vols., Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- BARATA, Maria do Rosário Themudo, *Rui Fernandes de Almada: Diplomata português do século XVI*, Lisboa, Centro de Estudos Históricos, 1971.
- DENZEL, Markus A., “Zur Finanzierung des europäischen Asienhandels in der Frühen Neuzeit: Vom Zahlungsausgleich im Gewürzhandel zum bargeldlosen Zahlungsverkehr”, in Markus A. Denzel (ed.), *Gewürze: Produktion, Handel und Konsum in der Frühen Neuzeit*, St. Katharinen, Scripta Mercaturae Verlag, 1999, pp. 37-69.
- DIAS, Manuel Nunes, *O Capitalismo Monárquico Português (1415-1549). Contribuição para o estudo das origens do capitalismo moderno*, 2 Vols., Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1963-1964.
- DIAS, Manuel Nunes, “Dinâmica dos metais alemães na Rota do Cabo”, in *Congresso internacional ‘Bartolomeu Dias e a sua época’*. Actas, vol. 3, Porto, Universidade do Porto / CNCDP, 1989, pp. 563-584.
- EHRHARDT, Marion, *A Alemanha e os Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Texto, 1989.
- FELDBAUER, Peter, *Die Portugiesen in Asien 1498-1620*, Essen, Magnus, 2005.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Notícias da Feitoria de Flandres*, Lisboa, Arquivo Histórico Português, 1920.

GODINHO, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2.^a ed., 4 vols., Lisboa, Presença, 1982-1985.

GROSSHAUPT, Walter, “Commercial Relations between Portugal and the Merchants of Augsburg and Nuremberg”, in Jean Aubin (ed.), *La découverte, le Portugal, et l'Europe: actes du colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/ Centre Culturel Portugais, 1990, pp. 359-397.

HÄBERLEIN, Mark, *Die Fugger. Geschichte einer Augsburger Familie (1367-1650)*, Stuttgart, Kohlhammer, 2006.

HÄBERLEIN, Mark, *Aufbruch ins globale Zeitalter. Die Handelswelt der Fugger und Welser*, Darmstadt, Theiss, 2016.

HÄBLER, Konrad, *Die überseeischen Unternehmungen der Welser und ihrer Gesellschafter*, Leipzig, Hirschfeld, 1903.

HÜMMERICH, Franz, *Quellen und Untersuchungen zur Fahrt der ersten Deutschen nach dem portugiesischen Indien 1505/6*, München, Verlag der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1918.

KELLENBENZ, Hermann, “Europäisches Kupfer, Ende 15. bis Mitte 17. Jahrhundert. Ergebnisse eines Kolloquiums”, in Hermann Kellenbenz (ed.), *Schwerpunkte der Kupferproduktion und des Kupferhandels in Europa: 1500-1650*, Köln/Wien, Böhlau, 1977, pp. 290-351.

KELLENBENZ, Hermann, “The Portuguese Discoveries and the Italian and German Initiatives in the Indian Trade in the first two Decades on the 16th Century”, in *Congresso internacional ‘Bartolomeu Dias e a sua época’*. Actas, vol. 3, Porto, Universidade do Porto/ CNCDP, 1989, pp. 609-623.

KELLENBENZ, Hermann, *Die Fugger in Spanien und Portugal bis 1560: ein Großunternehmen des 16. Jahrhunderts*, 3 vols., München, Vögel, 1990.

KÖMMERLING-FITZLER, Hedwig, “Der Nürnberger Kaufmann Georg Pock († 1528/29) in Portugiesisch-Indien und im Edelsteinland Vijayanagara”, *Mitteilungen des Vereins für Geschichte der Stadt Nürnberg*, vol. 55 (1967/68), pp. 137-184.

LUTZ, Heinrich, *Conrad Peutinger. Beiträge zu einer politischen Biographie*, Augsburg, Die Brigg, 1958.

MATHEW, K. S., *Indo-Portuguese Trade and the Fuggers of Germany (Sixteenth Century)*, New Delhi, Manohar, 1999.

POHLE, Jürgen, *Deutschland und die überseeische Expansion Portugals im 15. und 16. Jahrhundert*, Münster, Lit Verlag, 2000.

POHLE, Jürgen, “Lucas Rem e Sebald Kneussel: due agenti commerciali tedeschi a Lisbona all’inizio del secolo XVI e le loro testimonianze”, *Storia Economica*, vol. XVIII, N° 2 (2015), pp. 315-329.

POHLE, Jürgen, “Rivalidade e cooperação: algumas notas sobre as casas comerciais alemãs em Lisboa no início de Quinhentos”, *Cadernos do Arquivo Municipal*, 2.^a série, N° 3 (2015), pp. 19-38 [Disponível em http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/3/03_alema.pdf].

POHLE, Jürgen, “Os mercadores-banqueiros alemães e a Expansão Portuguesa no reinado de D. Manuel I, Lisboa, CHAM, 2017 [Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/38843/2/MercadoresAlemaes.pdf>].

RAU, Virgínia, “Privilégios e legislação portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (séculos XV e XVI)”, in Hermann Kellenbenz (ed.), *Fremde Kaufleute auf der Iberischen Halbinsel*, Köln/Wien, Böhlau, 1970, pp. 15-30.

RÖSSNER, Philipp Robinson, “Geld- und währungspolitische Probleme in Deutschland am Vorabend der „Preisrevolution“ (1470-1540). Quellenbefund und Forschungshypothesen”, in Angelika Westermann/ Stefanie von Welser (eds.), *Beschaffungs- und Absatzmärkte oberdeutscher Firmen im Zeitalter der Welser und Fugger*, Husum, Mathiesen, 2011, pp. 287-309.

RÖSSNER, Philipp Robinson, *Deflation – Devaluation – Rebellion. Geld im Zeitalter der Reformation*, Stuttgart, Steiner, 2012.

WALTER, Rolf, “Nürnberg, Augsburg und Lateinamerika im 16. Jahrhundert – Die Begegnung zweier Welten”, in Stephan Füssel (ed.), *Pirckheimer-Jahrbuch 1986*, vol. 2, München, Wilhelm Fink, 1987, pp. 45-82.

WESTERMANN, Ekkehard, “Über Wirkungen des europäischen Ausgriffs nach Übersee auf den europäischen Silber- und Kupfermarkt des 16. Jahrhunderts”, in Armin Reese (ed.), *Columbus: Tradition und Neuerung*, Idstein, Schulz-Kircher, 1992, pp. 52-69.

WESTERMANN, Ekkehard, *Silberrausch und Kanonendonner. Deutsches Silber und Kupfer an der Wiege der europäischen Weltherrschaft*, Lübeck, Schmidt-Römhild, 2001.

WESTERMANN, Ekkehard, “Oberdeutsche Metallhändler in Lissabon und in Antwerpen zwischen 1490 und 1520”, *Montánna história*, vol. 4 (2011), pp. 8-21.

WESTERMANN, Ekkehard, “Die versunkenen Schätze der „Bom Jesus“ von 1533. Die Bedeutung der Fracht des portugiesischen Indiensglers für die internationale Handelsgeschichte – Würdigung und Kritik”, *Vierteljahresschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, vol. 100 (2013), pp. 459-478.